

# A bandeira mais feia do mundo

Lucas Grassi Freire

## I

Desde pequeno, fascinava-me com os atlas políticos, às vezes, imprecisos, que consultava para munir-me de informação a ser utilizada em uma das minhas atividades prediletas: o desenho de uniformes alternativos para as diversas seleções de futebol do mundo. Ainda devo ter esses desenhos coloridos guardados em algum canto, mas o que me impressionava não era o resultado em si, e sim o processo de desenhar. As cores das bandeiras eram traduzidas em camisas dos mais variados tipos. Às vezes, uma constatação surgia – “*algumas bandeiras são muito feias!*” – mas logo me lembrava de que eram apenas bandeiras e de que talvez não houvesse critério algum para julgá-las esteticamente.

O filósofo Josh Parsons afirma ter desenvolvido, por brincadeira, alguns critérios universais para a comparação das bandeiras de diversos países. *The World's Flags Given Letter Grades* é classificado pelo próprio autor como “humor sarcástico” e contém até mesmo uma metodologia e a possibilidade de se organizar o ranking estético de bandeiras por ordem alfabética, por nota ou por conceito.<sup>22</sup> Sua motivação para estabelecer um critério de comparação entre bandeiras também surgiu através de sua curiosidade com os atlas:

Há algum tempo, folheando o atlas de um amigo meu, percebi que havia diferenças significativas entre a qualidade das bandeiras de diferentes países. Algumas são boas, outras são ruins. Alguns países claramente foram cuidadosos na escolha de cores, *layout* e *design*. Outros foram preguiçosos, roubaram suas bandeiras dos próprios vizinhos, ou simplesmente desenharam bandeiras que claramente têm a função de causar dor em quem olha para elas.<sup>23</sup>

Já indicando o tom humorístico a ser adotado em seu ranking, Parsons transporta para uma conspiração internacional a responsabilidade pela não-existência de algum órgão que estabeleça critérios uniformes de comparação entre as bandeiras:

Para minha surpresa, não há qualquer órgão internacional responsável pela manutenção de certos padrões estéticos. E também a ONU ou a Interpol não têm o poder de chamar a atenção ou de punir os responsáveis por atrocidades tais como as bandeiras do Brasil ou de Chipre. Penso que deve haver uma conspiração de nações ricas (aquelas com assentos permanentes no Conselho de Segurança da ONU, sem dúvida) para evitar que tais crimes sejam levados à justiça. Contudo, por enquanto, tenho atribuído conceitos para classificar as bandeiras do mundo que existem.<sup>24</sup>

<sup>22</sup> Josh Parsons, *The World's Flags Given Letter Grades*. Disponível em (<http://ahpc-jp30.st-and.ac.uk/~josh/flags>).

<sup>23</sup> Versão livre de Josh Parsons, “Introduction”, em (<http://ahpc-jp30.st-and.ac.uk/~josh/flags/intro.html>): “*some time ago, browsing through my friend's atlas, I realised that there are significant differences in quality between the flags of different countries. Some are good, some are bad. Some countries have clearly taken care in the choice of colours, layout, and design. Others have been lazy, stolen the flags of their neighbours, or just designed flags that are clearly supposed to cause pain to those who look at them*”.

<sup>24</sup> Idem: “*To my surprise, there is no international body responsible for upholding simple standards of vexillitic aesthetics. Nor do the UN or Interpol have the power to call in and punish those responsible for such atrocities as the Brazilian or Cypriot flags. I suppose there is probably a conspiracy of rich western nations (those with permanent seats on the UN security council, no doubt) to prevent such crimes from being brought to justice; however, in the meantime I am giving letter grades to the existing flags of the world*”.

Ver a bandeira nacional sendo considerada uma "atrocidade" em termos estéticos desperta nos mais patriotas os pensamentos usuais de recusa a tal julgamento, seguida de algum argumento *ad hominem* sobre a "ignorância geográfico-histórica dos cidadãos desses países que se dizem 'desenvolvidos'", ou então de alguma manifestação no estilo "morte aos padrões estéticos elitistas!". É, no entanto, prematuro julgar Parsons rapidamente, incorrendo-se na mesma forma de equívoco que se afirma que ele cometeu. Um exame mais detalhado sobre o caráter humorístico dessa obra e sobre sua metodologia, prestando-lhe caridade hermenêutica, pode apontar as razões pelas quais a bandeira do Brasil deveria ser classificada como "a mais feia do mundo" – em um certo sentido.

## II

O primeiro conjunto de regras para uma boa bandeira se relaciona com o caráter que uma fâmula nacional supostamente deveria ter: servir de símbolo conciso que caracterize o país em questão. Parsons deixa isso claro ao recomendar que não se escreva o nome do país na bandeira por razões óbvias. Variações dessa diretriz incluem "não escrever um *slogan* idiota" ou "se for escrever algum *slogan* idiota, não o faça em uma língua viva" e refletem o caráter anticolonialista da estética do autor, visto que o argumento para isso é contrariar a filosofia dos funcionários do Império Britânico, voltada para a exibição de seus dotes em latim na elaboração do desenho de bandeiras coloniais. Pior que isso, segundo Parsons, só mesmo o uso de algum *slogan* que não seja em uma língua morta, o que indica que as "elites" que o planejaram sequer tiveram uma educação clássica.

O segundo conjunto de regras se relaciona a desenhos. Em primeiro lugar, é de suma importância que não se coloque o mapa do país que corresponde à bandeira em questão: se todos os planejadores de símbolos nacionais o fizessem, não haveria a necessidade para um símbolo nacional! Além disso, gravuras representacionais também não devem figurar em uma bandeira nacional, se bem que, eventualmente, seja tolerável que se use algum logotipo baseado na representação de algo. Um exemplo de desenho não recomendável é o de armamentos: "se você for colocar uma gravura na sua bandeira (violando a regra 2a), por que colocaria gravuras de armamentos que você usa para executar uma repressão sangrenta aos seus cidadãos? Isso não faz sentido para mim".<sup>25</sup> Ao listar as bandeiras em seu ranking, Parsons também incluiu comentários especiais sobre algumas gravuras que se parecem mais com logotipos de empresas que com símbolos nacionais. Bandeiras de colônias ou de ex-colônias que incluem algum símbolo de sua metrópole também são criticadas, recebendo uma medalha negativa de *nonsense* colonial:

*Nonsense* colonial: Usado para países que têm bandeiras de sua metrópole como parte da própria bandeira. A metrópole em questão é quase sempre o Reino Unido, mas só porque todos os territórios franceses usam a bandeira francesa e porque todos os territórios ultramarinos dos EUA usam alguma coisa que o comandante militar local criou utilizando o Microsoft FrontPage.<sup>26</sup>

Parsons lida com as cores da bandeira no último conjunto de regras. Depois de 1900, não há motivo para se ter uma bandeira tricolor. "Não seja tricolor se você não for da Europa". Ele explica que o problema não é a ideia de três cores em si, mas sim a combinação de cores e a falta de originalidade em se utilizar essa ideia. Os dois fatores negativos se combinam, por exemplo, na África, onde superabundam bandeiras compostas por vermelho, amarelo e verde (não necessariamente nessa ordem). Outro exemplo de região que não foi muito original ao utilizar o esquema tricolor é o Leste Europeu. Segundo o autor, esses países estavam "muito ocupados com sua secessão" e perderam a oportunidade de fazer bandeiras melhores. A combinação de cores é também vital, havendo medalhas negativas para más combinações e para péssimas combinações.

Há uma medalha para originalidade – não necessariamente um elogio – e para a falta de originalidade. A bandeira de Ruanda, por exemplo, é acusada de plágio "como se colocar um R no meio fosse despistar". Parsons valoriza a parcimônia e a simplicidade e, por isso, atribui uma medalha "Árvore de Natal" para bandeiras muito "ocupadas" de alguma forma. Nota-se, também, grande ocorrência de bandeiras com estrelas. "Todos gostam de estrelas, mesmo eu... mas nada de exageros!" – é mais ou menos a mensagem que o autor procura passar ao atribuir boa classificação a bandeiras como a do Vietnã, a de Cuba e a da Coreia do Norte, e ao punir com a medalha negativa de "Estrelas Demais!" a bandeira dos EUA, por exemplo.

<sup>25</sup> Versão livre de Josh Parsons, "Methodology", em (<http://ahpc-jp30.st-and.ac.uk/~josh/flags/meth.html>): "If you are going to put a picture on your flag (in violation of rule 2a) why would you put pictures of the weapons that you are using to conduct a bloody repression of your citizens on it? This just doesn't make sense to me."

<sup>26</sup> Versão livre de Josh Parsons, "Methodology", em (<http://ahpc-jp30.st-and.ac.uk/~josh/flags/meth.html>): "Colonial nonsense: Used for countries that have the flags of their colonial masters as a part of their flag. The colonial master in question is nearly always the UK, but that's just because French territories all use the French flag, and US external territories all use something the local military commander has created using Microsoft Frontpage".

### III

O "lindo pendão da esperança e símbolo augusto da paz" não parece tão lindo e tão augusto à luz dos critérios de Parsons. De fato, a escolha de cores não é considerada uma boa combinação, principalmente tendo-se em conta que elas representam a família real portuguesa, e não o "ouro", as "florestas", etc. que se afirma.<sup>27</sup> De certa forma, a permanência do esquema de cores indica a continuidade da República com o Império naquele momento de projeto dos novos símbolos nacionais, seguindo a lógica do "e o povo assistiu, bestificado, à Proclamação da República".

A bandeira nacional é, também, muito "ocupada" e, por isso, merecedora da medalha "Árvore de Natal". Curiosamente, Parsons não deixou explícita a condenação à multiplicidade de estrelas, embora tenha comentado que o "mapa estelar" é "original, porém péssimo". Com efeito, o mapa de estrelas foi concebido tendo-se em vista a disposição das estrelas no dia da proclamação da República, porém, com imprecisão astronômica.<sup>28</sup> É difícil para qualquer brasileiro não especialista em bandeiras do Brasil desenhar corretamente a própria bandeira nacional. Aparentemente a disposição das estrelas pode mesmo ser considerada aleatória por um observador não conhecedor do mapa de estrelas. Sem contar que, por lei, a cada mudança na quantidade de estados da União, a bandeira é alterada, o que representa um caótico aumento dos custos de transação para qualquer atlas impresso, por mais boa vontade que seus editores tenham.

Por fim, o *slogan* "Ordem e Progresso", além de mostrar a imposição do símbolo aos brasileiros por parte das elites positivistas - símbolo profundamente enraizado em convicções teóricas semi-religiosas e transmitidos dessa maneira à população e ao mundo e geral -, foi escrito em português, o que indica que aqueles que planejaram a bandeira nacional, insistindo em um *slogan*, insistiram também, segundo o bem-humorado critério de Parsons, em mostrar que não sabem latim ou grego antigo.

As bandeiras anteriores do Brasil, propostas ou oficiais, não dão conta desses problemas levantados. Em primeiro lugar, desde sua independência, o país só contou com propostas de combinação semelhante de cores. A bandeira provisória da República dos *Estados Unidos do Brasil* exclui o azul e melhora um pouco essa situação, porém, cai em falta de originalidade, ao imitar a disposição da bandeira dos EUA. As bandeiras do Império talvez possam ser absolvidas da punição pela combinação de cores, porque essas não foram escolhidas, mas, sim, reproduzidas das cores da família real portuguesa. Em segundo lugar, em termos do desenho, como já constatado, a bandeira atual apresenta *desordem*; e em termos da presença de elementos escritos, ela representa o *regresso*, visto que as anteriores não continham *slogans*. É, por isso, a bandeira atual uma contradição de termos. A expressão "Ordem e Progresso" acaba não se sustentando sequer no próprio lugar em que ela se encontra.

Como se percebe com esta breve discussão, as bandeiras nacionais têm cada uma sua história, e Josh Parsons consegue captar essa noção, uni-la à estética e, ainda, pontificar entre ambas esferas - a simbólica e a artística - com uma dose de humor marcada por comentários de diversas naturezas, inclusive política e moral. Colocando os mesmos óculos de observação propostos pelo autor, o observador que se depare com a bandeira do Brasil, mesmo sendo brasileiro, deve ceder e afirmar: "é a pior bandeira de um Estado nacional independente".

<sup>27</sup> Essa observação é da professora Silvana Seabra.

<sup>28</sup> Cf. *The Brazilian Flag*, em (<http://www.brazilbrazil.com/flag.html>). Para alguns, seria o caso de se especular acerca do caráter simbólico do formato dessas estrelas. Conforme sugere Dan Brown, os antigos observaram que Vênus descreve esse formato em uma espécie de ciclo na sua trajetória, observado da Terra e historicamente foi associado à adoração pagã. Cf. Dan Brown, *O Código da Vinci* (Rio de Janeiro: Sextante, 2004. 423p).